

A Dra. Branislava Susnik é o destaque das páginas dedicadas à etno-história, onde são longamente comentados seus livros *Apuntes de etnografia paraguaya*, *El índio colonial* e *Los aborígenes del Paraguay (etno-historia de los guaraníes - época colonial)*

Completam o volume uma série de índices (temático, de tribos, toponímico, onomástico, cronológico, de ilustrações) que abarcam mais de noventa páginas.

Em tom de modéstia, na página 71, afirma-se: "A presente bibliografia seria, pois, apenas um início de conversa, embora a teimosa pretensão de oferecer um levantamento acurado do terreno de suas lacunas, das áreas de chão relativamente firme, das perspectivas mais promissoras. Pretende, enfim, ser um instrumento de trabalho e um incentivo para novas pesquisas".

Só o compulsar atento permitirá ao leitor aquilatar da importância e grandeza desta bibliografia etnológica. Aliás, o próprio jesuíta ("aculturado guarani") se auto-icentiva. Constantes são suas produções. Em seu recente *Ñande reko - nuestro modo de ser*, sobre os Guarani-Chiriguano, há uma bibliografia geral comentada que abrange mais de 500 títulos.

Erasmio d'A. Magalhães

*

BERTA G. RIBEIRO. *O Índio na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO, 1987.

Berta G. Ribeiro, a quem já se devem preciosos estudos sobre grupos e culturas indígenas e a coordenação da *Suma Etnológica Brasileira*, o melhor repositório do saber de nossos índios nos domínios da biologia, da tecnologia e da estética, acaba de lançar mais uma contribuição ao conhecimento das culturas dos primeiros habitantes do atual território brasileiro, desta vez visando ampla divulgação como parte da "cultura geral" da população nacional.

Longe de ser apenas uma recapitulação histórica e nostálgica de culturas extintas, *O Índio na Cultura Brasileira* mostra, com base tanto na bibliografia como no conhecimento empírico de grupos indígenas remanescentes, o rico acervo da "ciência do concreto", na expressão de Lévi-Strauss, acumulado pelos primitivos habitantes de nosso território, em seu processo multissecular de integração ao *habitat* - seu conhecimento de plantas e animais, de tipos de solo, suas técnicas e instrumentos de cultivo, de caça e pesca e de manipulação dos recursos naturais, com seu admirável respeito à natureza, sempre preservada e nunca predada irremediavelmente como no caso da ocupação pelo branco.

Ilustrado com fotografias e desenhos e constituindo uma síntese criteriosa da *Suma Etnológica*, é de se esperar que este novo livro de Berta G. Ribeiro alcance o mais amplo público, beneficiando-o com informações minuciosas e seguras sobre o modo de viver de nossos índios e contribuindo para a correção do estereótipo negativo tão difundido a seu respeito e que, longe de ser inócuo, faz parte do repertório ideológico que tem facilitado sua expoliação e dizimação. É um livro que deveria ser posto nas mãos dos estudantes por professores de história natural, geografia e ciências sociais, em todos os níveis em que possam entendê-lo.

A autora divide sua exposição em duas partes, dedicando a primeira a revelar "o saber indígena sobre a natureza", por sua vez subdivida numa secção destinada ao conhecimento botânico e, noutra, ao zoológico.

A secção consagrada à botânica compreende o saber sobre plantas, propriamente dito, e questões correlatas como a distinção de tipos de solo, as técnicas agrícolas, a seleção genética de espécies vegetais e o acervo das plantas cultivadas incluindo as alimentícias (grãos, tuberosas, leguminosas, frutíferas), as medicinais, as estimulantes e as industriais.

A autora distingue, ainda, os produtos cultivados dos coletados e trata da farmacopéia indígena. Mostra como a agricultura praticada em clareiras, afastadas umas das outras não lesa o ecossistema e dá margem ao crescimento de capoeiras ou florestas secundárias, quando de seu deslocamento para outras áreas; como os índios descobriram que o solo destas formações vegetais secundárias é o mais produtivo para certos cultivos e, por isso, o preferem.

Como as roças ficam distantes das aldeias, os indígenas disseminam plantas frutíferas pelo trajeto, complementando-as com o pomar.

Os trabalhos do ciclo agrícola são executados não apenas levando-se em conta os fenômenos meteorológicos mas, também, o comportamento de plantas e animais, o canto de um pássaro, por exemplo, podendo ser o sinal de que está na hora de se realizar dada tarefa relativa ao cultivo de determinada espécie.

Seu exaustivo conhecimento da natureza faz com que os índios tenham um nome para cada espécie vegetal ou animal, não se observando entre eles a alienação do "civilizado" em relação ao ambiente imediato.

Há 436 plantas úteis entre os Tiriyo, das quais 328 são empregadas para fins medicinais. Os Tukano conhecem 137 variedades de mandioca, os Asurini, 20 de batata-doce, fora o que se perdeu nos deslocamentos a que os obrigou a expansão dos brancos.

A segunda subdivisão da primeira parte é devotada, conforme já foi indicado, à exposição do saber indígena do domínio da zoologia e inclui a "captura de proteína animal" pelo consumo alimentar de insetos, vermes e vertebrados, as estratégias e instrumentos de caça e pesca, a "captura de proteína vegetal", os tabus alimentares e o conservacionismo, terminando com considerações sobre o respeito do indígena pelo ecossistema, em contraste com a atuação predatória do "civilizado".

A autora mostra como os índios conhecem minuciosamente a associação entre plantas e animais, usando as primeiras como indicadoras da presença destes, enfim, seu admirável saber sobre as espécies de uma e outros, com seu ciclo vital e comportamento.

Para exemplificar a riqueza do conhecimento zoológico dos índios, basta lembrar que os Kayapó identificam 56 espécies de abelhas. Naturalistas nacionais e estrangeiros estão, atualmente, preocupados em levantar esse conhecimento, como contribuição à ciência universal.

A segunda parte do livro é consagrada a mostrar como, por toda parte, a cultura brasileira, especialmente a caipira, a sertaneja e a caiçara, que são suas versões regionalizadas ou localizadas, está marcada por elementos herdados dos índios. Seria alongar demasiadamente esta resenha indicar os pormenores apresentados pela Autora; porém, não posso encerrá-la sem lembrar que o tópico final, "A questão indígena e o problema da terra" é um pungente clamor pela preservação dos grupos indígenas remanescentes no território nacional e pela defesa de suas condições de vida e direitos, em que Berta G. Ribeiro usa o conhecimento que tem dos mesmos para reforçar o apelo ao egoísmo esclarecido de quantos possam participar ou influir em decisões no domínio da política indigenista, sem esquecer a empatia e o sentimento humanitário dos mais sensíveis.

Oracy Nogueira

*

CLÓVIS MOURA. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo, Editora Ática, 1988.

O autor, com este livro, concretiza com toda propriedade as polêmicas discussões travadas no meio acadêmico e nas discussões internas do movimento negro, tornando real; e sistematiza toda experiência de vida do cientista social, na medida em que participa efetivamente da problemática negra brasileira. O trabalho é a sistematização do conjunto de pensamento que ele elaborou dos mais diversos aspectos da sociedade brasileira, ou seja, como o próprio Clóvis Moura diz: o livro é a síntese de suas experiências de várias décadas em que proferiu palestras, cursos, seminários, congressos, simpósio etc.

O negro e a ideologia branca das classes dominantes são os elementos básicos na análise que o autor faz da sociedade brasileira. Importante, também, neste trabalho é a postura do autor frente às questões que o livro suscita, voltadas todas para resolver o problema racial e social do negro brasileiro. Para melhor compreensão e apreensão dessa problemática, o autor divide o livro em duas partes: a teórica, na qual expõe criticamente os trabalhos de cientistas sociais sobre a situação do negro em nossa sociedade; e a segunda, utiliza o método histórico-dialético, procurando resgatar a história do negro